

# Valores-notícia no romance-reportagem *Aracelli, meu amor*, de José Louzeiro

*News-values in the novel-report Aracelli, meu amor*, by  
José Louzeiro

José Ferreira Junior<sup>1</sup>

Anderson Roberto Corrêa Pinto<sup>2</sup>

## Resumo

O trabalho aborda os critérios de noticiabilidade dentro do gênero romance-reportagem – híbrido entre o discurso jornalístico e o discurso literário –, produzido na década de 1970, época em que se vivia sob um regime militar no Brasil. Analisam-se, dessa forma, os valores-notícia que norteiam a seleção de informação e produção do texto final de *Aracelli, meu amor – Um anjo espera a justiça dos homens* (1976), do jornalista e escritor maranhense José Louzeiro. Busca-se compreender como esses critérios eram utilizados, observando o contexto de censura à liberdade de expressão em que a obra foi elaborada, decorrente do Ato Institucional Número 5 (AI-5). Abordam-se também as nuances de denúncia social da obra em estudo, tendo em vista que o gênero romance-reportagem assume configurações de uma literatura de resistência, levando o público a reflexões sobre as convulsões sociais da época. Para a análise, tomam-se como parâmetros, primordialmente, os conceitos de valor-notícia e de critérios de noticiabilidade estabelecidos por Traquina (2008), Galtung e Ruge (1965) e Ericson, Baranek e Chan (1987). Esses autores colaboram, ainda, para a análise das teorias convergentes do jornalismo e da literatura, nas quais se encontram os fundamentos iniciais para pensar a natureza social do jornalismo. Identificaram-se, na obra *corpus*, muitos critérios sistematizados pelos teóricos referenciados, entre eles, os valores-notícia como a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, a infração, a personalização, a negatividade, a amplitude e a dramatização. Entende-se, portanto, que esses critérios são fundamentais para conferir importância jornalística à narrativa de José Louzeiro.

**Palavras-chave:** Valor-notícia. Romance-reportagem. Aracelli. José Louzeiro.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor do departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É autor de *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual* (Senac-SP).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Contatos: [jferr@uol.com.br](mailto:jferr@uol.com.br) / [andersonjornal@gmail.com](mailto:andersonjornal@gmail.com)

## Abstract

The work addresses the criteria of newsworthiness within the novel-report genre - a hybrid between journalistic discourse and literary discourse - produced in the 1970s, during Brazil was facing a military dictatorship. It is analyzed, news-values that guide the information selection and production of the final text, Aracelli, my love – an angel waiting for men’s justice (1976), by the journalist and writer José Louzeiro, from Maranhão. There is an attempt to understand how the criteria were used observing the context in which the work was elaborated, during the censorship of freedom of expression due to the Institutional Act number 5 (AI5). Several nuances of social denunciation were approached in the present work, considering that the novel-report genre becomes a resistance literature, taking to the audience reflections about the social turmoils at the time. For the analysis the parameters used, mainly, were the concepts of news-value and newsworthiness criteria established by Teasing (2008), Galtung & Ruge (1965) and Ericson Baranek & Chan (1987). These authors also collaborate for the analysis of Theory of Convergence in Media Studies and to the literature in which basic fundamentals of journalism by looking at its social nature. It was identified in the corpus by the theorists many systematized criteria, namely, news-value, such as death, notoriety, proximity, relevance, time, notability, the unexpected, the offense, the personalization, the negativity, the amplitude and the drama. It is understood, therefore, those criteria are essential to give journalistic importance to the narrative of José Louzeiro.

**Keywords:** News-value. Novel-report. Aracelli. José Louzeiro.

## Introdução

Literatura e jornalismo estiveram em constante diálogo ao longo da história da comunicação humana; por vezes se aproximando, outras se distanciando. Na década de 1970, no Brasil, como em toda a América Latina, percebeu-se novamente essa convergência entre os dois campos. Influenciado pelo *New Journalism* de Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe, surgiu no país um gênero híbrido que buscou ampliar as reflexões sobre a realidade brasileira, alinhando-se, dessa forma, à tradição naturalista da literatura universal. Trata-se do romance-reportagem, em que o maranhense José Louzeiro figura como um dos precursores.

Assim como outros jornalistas, Louzeiro faz parte do que Antônio Cândido (1989) considerou como a “geração da repressão”, um grupo de intelectuais que combatia o autoritarismo militar dominante no Brasil após o golpe de 1964. Com esse novo gênero, os escritores conseguiam, mesmo sob a censura que vigorava, trazer à tona verdades que denunciavam o contexto

social; eram jornalistas que encontravam na literatura a válvula de escape para um projeto que expunha e discutia os problemas recorrentes de uma sociedade mergulhada em corrupção e violência.

Um dos intuítos de José Louzeiro ao construir sua obra nos moldes desse gênero híbrido foi burlar os ditames do governo instituídos por meio do Ato Institucional Número Cinco (AI-5), de 1968, quando a censura tornou-se ainda mais rígida. Conseguia, assim, apresentar aos brasileiros alguns dados dessa realidade censurada. Seus romances-reportagens preencheram as lacunas deixadas pelo jornalismo diário, fazendo uma análise mais crítica do cenário político e social do país. Entende-se sua obra como uma literatura de resistência à repressão e de testemunho, em que as notícias ganham matizes do discurso literário, cujas narrativas vão entremear realidade e ficção.

A partir desse cenário histórico é que se empreende o desenvolvimento deste artigo, o qual faz parte de uma pesquisa maior, cujo intuito é investigar os valores-notícia que levam à produção e à publicação, em 1976, de *Aracelli, meu amor – Um anjo espera a justiça dos homens*, um dos principais romances-reportagens de José Louzeiro. Assim, propõe-se elencar e analisar os critérios de noticiabilidade (seleção e construção) que levaram à publicação da obra *corpus* deste trabalho, enxergando-a a partir do contexto social e político em que foi escrita. Busca-se também fazer uma revisão teórica sobre os conceitos de valor-notícia, bem como recuperar o histórico dessa publicação cuja história marcou o país. Pretende-se, dessa forma, apresentar um panorama de como se deu o processo de resistência intelectual à ditadura militar no Brasil, especialmente com a presença dessa tipologia textual – o romance-reportagem –, utilizada para ampliar fatos jornalísticos que não podiam ser explorados de maneira mais crítica e explícita no jornalismo diário mais imediatista.

### **Valores-notícia: perspectivas teóricas**

Na rotina jornalística, é necessário que se faça um refinamento dos temas que serão abordados e levados ao público pelo veículo de comunicação, independentemente do tipo de mídia no qual o fato será divulgado. Quer seja no jornalismo impresso, televisivo, radiofônico ou *on-line*, os profissionais fazem uso dos critérios de noticiabilidade para definir os acontecimentos que sejam suscetíveis de se tornar notícia. Para isso, existem características a serem analisadas, dentro de padrões da linha editorial, que vão auxiliar os jornalistas nessa seleção dos fatos, os quais poderão se transformar em um produto

jornalístico (nota, notícia, reportagem ou mesmo um romance-reportagem, tema deste estudo).

Esses critérios, os valores-notícia, começaram a ser sistematizados na década de 1960, após o acirramento da concorrência na indústria da comunicação, o que levou o setor a se adaptar às demandas capitalistas de consumo. Segundo Traquina (2005), o jornalismo passou a ser um negócio lucrativo, aumentando o número de proprietários de empresas jornalísticas.

Entre os primeiros a sistematizar e fazer uma reflexão teórica sobre os valores-notícia estão Johan Galtung e Marie Ruge<sup>3</sup>, quando analisam o noticiário estadunidense para divulgação da crise política de três países: Congo, Cuba e Chipre. Ao final do estudo, os autores elencaram doze valores-notícia que hoje servem de parâmetros para estudos em comunicação e, especificamente, como ferramenta na rotina jornalística. Os valores-notícia fazem, segundo eles, com que, dentro do processo comunicativo, o receptor – quer leitor, ouvinte ou telespectador – seja cativado pela informação e tenha interesse pelo produto.

É sabido, contudo, que existem fatos que despertam, mais que outros, a atenção do público. Isso é possível graças ao valor-notícia agregado a eles. Assim, de acordo com a hipótese da aditividade, quanto mais valores um acontecimento possuir, maiores serão as chances de ele conquistar o público. Traquina (2008) adverte que pode ocorrer um desequilíbrio entre os valores em um mesmo acontecimento. Pela complementaridade, o baixo desempenho em um dos valores pode ser compensado pelo bom rendimento de outro valor.

Retomando os estudos de Galtung e Ruge, em resposta à pergunta “como é que os acontecimentos se tornam notícia?”, foram apontados os seguintes valores-notícia: (1) *frequência* ou duração do acontecimento (compatibilidade entre o ritmo do acontecimento e a periodicidade do meio); (2) *amplitude* (dimensão do acontecimento, que vai desde o número de pessoas envolvidas até a carga dramática do fato); (3) *clareza* (quanto menor a ambiguidade, maior a notabilidade); (4) *significância* (diz respeito à proximidade cultural e/ou

---

<sup>3</sup> O estudo original data de 1965: GALTUNG, J. e RUGE, M. *The structure of foreign news*. Journal of Internacional Peace Research, n.1, 1965. O texto foi traduzido e publicado em língua portuguesa, em 1999, com o título *A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em jornais estrangeiros* como capítulo do livro organizado por Nelson Traquina: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2. Ed. Lisboa: Veja, 1999.

relevância); (5) *consonância* (facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça); (6) *inesperado* (acontecimento raro, com proximidade cultural); (7) *continuidade* (o que já foi notícia tende a continuar sendo, mesmo que tenha reduzida a amplitude ou tornado familiar o inesperado); (8) *composição* (o valor de cada acontecimento varia de acordo com o equilíbrio do produto jornalístico como um todo); (9) *referência a nações de elite*; (10) *referência a pessoas de elite* (relevância do ator do acontecimento); (11) *personalização* (possibilidade de ser visto em termos pessoais); (12) *negatividade* (quanto mais negativas as consequências, mais chances de um fato virar notícia).

Além de Galtung e Ruge (1965), outros estudiosos também tentaram listar os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade. Ericson, Baranek e Chan, em seu *Visualizing deviance: a study of news organizations* (1987), apresentaram critérios muito semelhantes aos daquelas pesquisadoras. Eles diferem, basicamente, no modo de entender o valor-notícia. Para eles, como confirma Sousa (2000), esses critérios são múltiplos, entrecruzados, difusos, por vezes contraditórios, mas imperativos, auxiliando o jornalista a reconhecer a importância dos acontecimentos e classificá-los.

Diversos elencos de valores-notícia também podem ser encontrados nos estudos de Fishman (1978), Golding e Elliott (1979), Gans (1979), Schlesinger (1978), Hartley (1982) e Wolf (1987). Para este último, os valores-notícia agem em todo o processo de produção jornalística (seleção de acontecimentos e elaboração da notícia), no entanto, com importância diferente em cada etapa do trabalho. Ele se baseia no trabalho de Golding e Elliott. Assim, tem-se que os valores-notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas: (1) às características substantivas das notícias (diz respeito ao acontecimento a transformar em notícia); (2) aos critérios relativos ao produto informativo (diz respeito à acessibilidade das informações ou do próprio acontecimento ao jornalista); (3) aos critérios relativos ao meio de comunicação (diz respeito à adequação da aquisição de forma e significado de um acontecimento à frequência do meio); (4) ao público (diz respeito à imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários); (5) à concorrência (diz respeito às relações entre os meios de comunicação existentes no mercado informativo).

Em estudo mais recente, baseando-se em conceitos estabelecidos por Wolf, Traquina (2008) apresenta sua contribuição sobre a definição dos valores-notícia, dividindo-os em duas categorias fundamentais: os *critérios de seleção* e os *critérios de construção*. O desenvolvimento de seu estudo teve como base

o conceito de Bourdieu (1997) sobre a função do jornalista: Segundo este: “Os jornalistas têm seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 12).

Para Traquina (2008), os valores-notícia de seleção (critérios substantivos) estão diretamente relacionados ao interesse e à importância dos acontecimentos; são eles: a *morte*; a *notoriedade* do ator principal; a *proximidade* geográfica e cultural; a *relevância*, que está diretamente relacionada ao grau de importância e de impacto do acontecimento sobre a vida das pessoas; e a *novidade*. Também faz parte desse grupo o fator *tempo*, que, segundo Traquina (2008, p. 81), assume diferentes formas, entre elas a atualidade. “A existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir de *news peg*<sup>4</sup> ou gancho para outro acontecimento ligado ao assunto”. Além disso, o próprio tempo (data específica) pode servir de *news peg* e justificar que um acontecimento passado ganhe espaço em tempo presente. É uma terceira forma relacionada ao impacto de um fato, proporcionando que se mantenha em destaque por muito mais tempo.

Foram elencados, ainda, entre os critérios a *notabilidade*; o *inesperado*; o *conflito* ou controvérsia, que está relacionada à violência física ou simbólica; a *infração* e o *escândalo*. A notabilidade é vista como fundamental para a seleção de um acontecimento. Traquina (2008) afirma que há vários registros de notabilidade, como a quantidade de pessoas envolvidas, a inversão da normalidade, o insólito – que, como lembra o autor, esteve bastante presente nos tempos das “folhas volantes”<sup>5</sup> –, e o excesso ou a escassez em relação à norma padrão. O autor ressalta que tais critérios, em particular o da notabilidade, estão condicionados à natureza consensual da sociedade. Daniel Hallin (apud Traquina, 2008), em seu estudo sobre a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, determina que o fazer jornalístico desenvolve-se dentro de três esferas, uma delas é a do consenso – local onde encontram-se os temas e valores não controversos pelos jornalistas e pela grande parte da sociedade. Além da esfera do consensual, há

---

<sup>4</sup> Notícia que serve de justificção para uma reportagem, um editorial, uma charge ou outro produto jornalístico.

<sup>5</sup> As “folhas volantes” surgem antes dos jornais diários na Europa, por volta do século XV, para satisfazer a curiosidade sobre determinados acontecimentos da sociedade da época. Estas publicações de uma única folha eram dedicadas a um tema único, como assassinatos, milagres, abominações, catástrofes, bizarrices, ou mesmo guerras e assuntos relacionados com pessoas notórias, como reis e artistas.

ainda a esfera da controvérsia e a esfera desviante. É nesta última na qual se encontram os valores tidos como marginais e ilegítimos<sup>6</sup>.

Além dos critérios substantivos, Traquina (2008) enumera critérios contextuais, que se referem ao processo de produção da notícia, e não ao acontecimento em si. Entre eles, estão a *disponibilidade* (facilidade para a cobertura); o *equilíbrio* do noticiário (quantidade de notícias divulgadas sobre um mesmo assunto); a *visualidade*, que está relacionado às imagens que ajudam a explicar o fato; a *concorrência*, em que se destaca a ideia do “furo jornalístico”, e o *dia noticioso*, que faz um parâmetro com outras notícias importantes no dia.

Por fim, Traquina (2008) enumera os valores-notícia de construção em que contempla a *simplificação*, fundamental para a compreensão do fato pelo público; a *amplificação* (hiperbolização do acontecimento e das suas consequências); a *relevância*; a *personalização* com a valorização dos agentes da notícia; a *dramatização*, onde são reforçados os aspectos críticos e emocionais dos fatos; e finalmente a *consonância*, em que mais vale a relação de uma nova informação com uma velha notícia. Ressalta-se que para Wolf (2009) os valores-notícia são critérios que se fazem presentes em todo o processo de produção, não apenas na seleção das notícias, mas participam também nas operações posteriores, embora com um relevo diferente.

É salutar, nesse contexto, que não se perca de vista a ideia de *agenda setting*, termo cunhado pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1979. Ao apresentar a hipótese do agendamento, os autores afirmam que os meios de comunicação influenciam a projeção dos acontecimentos na opinião pública. Segundo Barros Filho (2001), *agenda setting* é um tipo de efeito social da mídia que, através da seleção, disposição e incidência da transformação de acontecimentos em notícia, determinará as pautas de discussões entre o público. Assim, tem-se que muitas notícias ganham maior destaque e relevância em relação a outras, ganhando maior projeção em capas de jornais e revistas, por exemplo, ou mesmo sendo aprofundado em romances-reportagens, como ocorre com a história da menina Aracelli Crespo, tema da obra *corpus* deste estudo.

---

<sup>6</sup> Em *The Uncensored War* (1986), Hallin define graficamente a esfera do consenso como um círculo, a da controvérsia como um círculo que rodeia o primeiro círculo e a esfera do desvio como a área de fora das duas circunferências.

## **Caso Aracelli: quando o fato vira notícia**

Em seu romance-reportagem *Aracelli, meu amor* (1976), José Louzeiro faz uso de uma linguagem objetiva e direta, entremeada de elementos literários, para narrar o caso sobre o brutal assassinato da menina Aracelli Cabrera Crespo, de nove anos de idade, em Vitória, no Estado do Espírito Santo, em 1973. Baseada nas investigações jornalísticas do autor, a narrativa se desenvolve de forma cronológica, iniciando com as circunstâncias do desaparecimento da vítima até dois anos depois, quando é registrado o desaparecimento do corpo do Instituto Médico Legal (IML) e nenhuma punição aos culpados. Ressalta-se que, no início, os trâmites policiais corriam com certa morosidade, mas quando o caso passa a tomar destaque na mídia nacional, as investigações ganham novos rumos.

Nesse meio tempo, houve mudança de opinião da polícia, erros no inquérito, morte de testemunhas importantes e de pessoas responsáveis pela investigação, denúncias de destruição de provas essenciais para o caso e pressão por parte da família dos principais suspeitos, que foram condenados e depois tiveram suas sentenças anuladas, sendo absolvidos por falta de provas. Apesar da impunidade, em memória à menina Aracelli, o dia 18 de maio foi instituído como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, com a aprovação da Lei Federal 9.970/2000.

Assim como outras obras de José Louzeiro, *Aracelli, meu amor* está circunscrita num período em que surgiam no Brasil novos instrumentos jornalísticos de resistência ao regime autoritário vigente e tinham como objetivo divulgar aspectos sociais e econômicos ignorados ou mascarados pelas empresas de mídia. Segundo Lima (2009), essa imprensa alternativa, denominada “imprensa nanica”, com jornais e revistas de vida curta ou média, propôs-se a indagar, duvidar e favorecer o diálogo sobre a realidade brasileira. Segundo Kucinski (2003, p. 16), esse modelo de veículo de comunicação surgiu a partir do “desejo das esquerdas de protagonizar as transformações sociais que propunham, e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade”.

Em 1966, surge a revista *Realidade*, um dos principais veículos de comunicação da época, que documentou as transformações pelas quais o país passava, preocupando-se em explorar e “discutir temas desconfortáveis para certos padrões de moral (liberdade sexual), aborto, homossexualidade, prostituição” (BULHÕES, 2007, p. 143). Suas grandes reportagens tinham um

engenho textual voltado para a literatura, estabelecendo uma narrativa afeita ao conto. Dessa forma, a publicação contribuiu para que o público se acostumassem a textos jornalísticos com tais características, abrindo espaço para o consumo de livros-reportagens. O jornalismo passa a ansiar por uma compreensão dos fracassos e misérias sociais, políticas e econômicas do país, fazendo com que esse novo gênero escancarasse “a história surdina que se desenrolava fora das páginas dos grandes jornais” (LIMA, 2009, p. 243). Os romances-reportagens tornam-se, portanto, ferramenta para desconstruir a identidade criada pelo governo militar e propiciar a construção de uma consciência crítica na população sobre direitos humanos. A partir da ótica de Franco (2003), essas obras mostravam a indignação e um anseio de resistir à repressão dos militares, permitindo a circulação dessas arbitrariedades cometidas do governo.

Endossa-se que, no período do militarismo no Brasil, os braços da censura alcançavam as expressões artísticas e culturais, e de modo contundente o jornalismo. Aquino (1999) diferencia dois momentos da censura. Num primeiro momento, entre 1968 e 1972, a censura é ampla e atinge todos os periódicos, indistintamente. É nesse período que as práticas se restringem a telefonemas e bilhetes enviados às redações. Em uma segunda fase, a partir de 1972, a autora fala em “radicalização da atuação censória” especialmente aos órgãos de imprensa que oferecem resistência. No caso dos romances-reportagens, percebe-se que a sensibilidade jornalística para a seleção da notícia ia além de uma percepção de noticiabilidade puramente técnica, pois estava permeada pelos interesses políticos e sociais, com o intuito de mostrar o que a mídia convencional não divulgava.

### **Noticiabilidade em *Aracelli, meu amor***

Na perspectiva de Traquina (2008), a noticiabilidade é um conjunto de critérios que levam um fato a merecer enquadramento jornalístico, podendo-se afirmar, portanto, que o romance-reportagem objeto de análise desta pesquisa possui diversos valores-notícia. Se tomarmos como parâmetro os critérios estabelecidos pelo autor, o caso *Aracelli* é notícia, primeiramente, por relatar uma morte. Traquina (2008) ressalta que “onde há morte, há jornalistas”. Além do assassinato da personagem-título, o jornalista relata que o caso produziu pelo menos 14 mortes de pessoas envolvidas no episódio, desde testemunhas a homens que investigavam o crime. A brutalidade do homicídio soma-se a outro valor-notícia: a infração, que consiste na transgressão de regras, especialmente

cometimento de crimes. E quando se vincula à violência, agrega ainda mais valor ao fato. Sabe-se que o número de jovens assassinados na Grande Vitória sempre foi alarmante. Em pesquisa da Unesco divulgada pela *Folha de São Paulo*, em 1998, Vitória aparecia como uma das cidades que concentrava o maior número de assassinatos de jovens no país, seguida por Recife e Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Contudo, o caso Aracelli ganha ainda mais destaque pelos requintes de crueldade utilizados para assinar a jovem, bem como pelo fato de ser uma criança. Segundo Traquina (2008), quanto mais violento for o crime, maior será o grau de noticiabilidade.

O valor negatividade estabelecido por Galtung e Ruge (1965) também está contido nesse fato para que ele se torne notícia. Vale, na concepção delas, a máxima de que “más notícias são boas notícias”, isso porque as notícias negativas satisfazem melhor o critério de frequência, além de serem mais consensuais, inequívocas, inesperadas, por isso, menos previsíveis e mais consonantes com pré-imagens do nosso tempo. Ericson, Baranek e Chan (apud TRAQUINA, 2008) reforçam a ideia de o inesperado ser mais noticioso. Para eles, o inesperado pode ser bom ou mau, todavia, aqueles com aspectos mais negativos parecem ter mais valor-notícia. No caso Aracelli, além da própria brutalidade do crime, um fato no mínimo curioso produz esse valor de inesperado: o desaparecimento do corpo da vítima do IML. O corpo era um das poucas evidências do crime. Ele havia sido achado por uma criança num terreno atrás do Hospital Infantil, próximo ao centro de Vitória, e por ter sido desconfigurado com ácido, mal podia ser reconhecido como sendo da menina Crespo. No livro, José Louzeiro conta um episódio interessante. Segundo relatos, Radar, o cachorro de estimação de Aracelli, que sentia a falta da garota, reconheceu seu corpo na bandeja do Instituto.

Radar põe-se a rosar, inquieto, erguendo-se nas patas traseiras, tentando alcançar a gaveta com as patas dianteiras.

- Será que tá conhecendo que é sua dona? – pergunta o funcionário.

(...)

Os rosnados de Radar aumentam e agora ele arranha a mesa com as patas dianteiras, agacha-se e ergue-se, como a fazer medidas para a dona que jogava a bola para que pegasse no

---

<sup>7</sup> “Jovens do ES são mortos com tiro na nuca”, *Folha de São Paulo*, 12/12/99.

meio do quintal, por entre os arbustos, bem ao lado do cajueiro que crescia mais do que todas as outras plantas. (LOUZEIRO, 2012, p. 46-47).

Mas a negatividade em *Aracelli, meu amor* vai além da morte violenta da personagem principal. Temas paralelos abordados e denunciados abertamente pelo jornalista garantem a identificação desse critério na obra, entre eles, a rede de exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes no país associada ao abuso de poder, tráfico de drogas, corrupção e impunidade. Ferreira (2005, p. 200) afirma que, nesta obra, o jornalista “(re) constrói-organiza o real de uma maneira em que se observam nitidamente os primeiros movimentos articulados na sociedade para o gênero de combate contra o regime e as classes dominantes”. Do mesmo modo, consegue denunciar o jogo de influências e a corrupção política e do Exército que atrapalham as investigações.

Tratando-se de jogo de influências, o fator notoriedade (ou referência a pessoas de elite e personificação, para Galtung e Ruge) também é um valor-notícia a ser identificado na obra em análise. Quando aparecem as primeiras testemunhas do crime e o nome dos principais suspeitos são revelados, o caso ganha ainda mais relevância. Pressionado pela população que clamava por justiça, o Serviço Secreto da Polícia Militar, comandado pelo sargento Homero Dias, divulga os nomes de Paulo Constanteen Helal e Dante Michelini Júnior (Dantinho) como sendo os suspeitos de ter cometido o crime. Ambos os jovens, pertencentes a influentes e abastadas famílias do Espírito Santo, foram acusados de arquitetarem um plano diabólico para possuir sexualmente a jovem, usando de todos os recursos. Mais tarde, o pai de Dantinho, Dante Michelini, também foi acusado. Este era um grande latifundiário do estado, com negócios na indústria e no comércio, e tinha contatos com militares. Já a família Helal era dona de rede hoteleira e tinha interesses no ramo imobiliário. Durante o processo, as famílias chegaram a contratar os doze melhores advogados de Vitória para elaborar a defesa e destituir as provas do crime. Esses fatos corroboram o que Galtung e Ruge (apud TRAQUINA, 2009) postulam sobre a relevância da notoriedade do sujeito. Para eles, as ações da elite, em curto prazo, são mais importantes do que as de anônimos. Assim, “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia” (GALTUNG; RUGE *apud* TRAQUINA, 2009, p. 80).

O critério notoriedade também é percebido quando citado o nome do vereador Clério Falcão, responsável pela constituição de uma Comissão Permanente de Inquérito (CPI) na Assembleia Capixaba para investigar e

solucionar o caso da menina. Mais tarde se elegeria deputado estadual por conta disso e de suas promessas de que não descansaria enquanto não se fizesse justiça. A comissão concluiu que houve omissão da polícia capixaba para afastar do caso os principais suspeitos, haja vista que eram figuras de prestígio local.

Observa-se, ainda, que o caso Aracelli, apesar de ter como pano de fundo acontecimentos da cidade de Vitória, reflete um processo global do país. O processo em ação local se une às ações nacionais. Não à toa que o caso repercute, marcando o país. O homicídio de mais uma criança no Espírito Santo ganha uma maior amplitude quando expõem feridas sociais graves que atingem todo o Brasil. Dessa forma, identifica-se mais um valor-notícia responsável pelo interesse do tema nos meios de comunicação, a amplificação. Traquina (2008) ressalta que quanto mais amplificado é o acontecimento, maiores são as chances de noticiabilidade. Somam-se a ela os critérios da proximidade e da relevância, tendo em vista que os acontecimentos impactam diretamente e/ou indiretamente outros leitores e membros das forças poderosas nacionais à época. Ao lado do livro de José Louzeiro, pululam pelo país reportagens pelos jornais impressos e televisivos denunciando o caso.

Diante da expressividade da obra de José Louzeiro, que já havia publicado com sucesso *Lúcio Flávio, passageiro da agonia* (1975), seu livro é envolvido em grande polêmica na época. *Aracelli, meu amor* foi censurado pelo governo militar. Segundo conta o jornalista em entrevista a Quintino (2014), os exemplares do livro foram recolhidos no dia do lançamento. Era uma edição de 20 mil exemplares e todos foram levados das livrarias e do depósito da editora onde estavam armazenados. Mesmo proibidas durante a ditadura, duas edições da obra circularam de forma clandestina. “Chega uma hora que o livro, quando tem uma repercussão, você perde o controle de quem publica o quê. Alguém fez uma edição fajuta e andou vendendo de mão em mão” (LOUZEIRO apud QUINTINO, 2014, p. 4).

Ressalta-se que muitos livros de teor semelhante foram proibidos pela censura militar. De acordo com Reimão (2014, p. 75), “a censura a livros no Brasil foi marcada por uma atuação confusa e multifacetada, pela ausência de critérios mesclando batidas policiais, apreensões, confiscos e coerção física”. A censura aos livros deveu-se especialmente ao Decreto-Lei 1.077, de 1970, assinado pelo presidente Emílio Garrastazú Médici, o qual estabelecia que não seriam toleradas “as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação”. Para os censores, essas publicações iam à contramão da proposta de “segurança nacional”

estabelecida pelo governo. O decreto estabelecia plenos poderes ao ministro da Justiça para proibir a divulgação e apreender qualquer produto editorial que sugerisse algo em oposição ao disposto.

O fator tempo é outro valor-notícia identificado na obra *corpus*. Nesse critério, é observada a atualidade dos fatos e a disponibilidade para a construção, dada sua relevância. Mesmo sendo publicado após três anos do crime, o caso contado pelo romance-reportagem chamou e ainda chama atenção dos brasileiros por muitos motivos já listados neste trabalho. A falta de punição aos culpados está entre os elementos que trazem à tona a história que chocou o país, promovendo a longevidade do acontecimento, um terceiro viés do valor tempo apontado por Traquina (2008).

Destaque-se que José Louzeiro fez um trabalho minucioso de investigação, entrevistando pessoas e colhendo dados para a elaboração de sua grande reportagem. Foram mais de cinquenta viagens à Vitória em um período aproximado de dois anos. Esteve algumas vezes na capital capixaba escondido, pois já havia sofrido ameaças de alguns envolvidos. As investigações foram feitas em parceria com o perito Asdrúbal de Lima Cabral (o Dudu), o repórter Jorge Elias, do jornal *Última Hora*, e a fotógrafa Ednalva Tavares, sua esposa na época. A cada novo indício a reportagem renovava seu fôlego, servindo de gancho para outras abordagens sobre o caso. Como afirma Traquina (2008), cada nova testemunha, cada nova prova era utilizada como *news peg* para outro acontecimento relacionado ao fato principal.

É interessante perceber que, na atualidade, o caso é lembrado, especialmente, como efeméride, já que a data de desaparecimento de Aracelli foi instituída como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Voltando-se ao posicionamento de Traquina (2008), entende-se que a passagem tempo é utilizada para se falar novamente do assunto, reforçando a ideia de *news peg*, que o torna atual e agrega-lhe valor-notícia. A data passa, então, a pautar a imprensa.

Em uma prática comum de sua rotina como jornalista investigativo, José Louzeiro ouvia especialmente as fontes não oficiais, em busca de informações mais contundentes, o que contribuiu para a identificação de mais um valor-notícia, a novidade. As vozes não representam os personagens de destaque da trama, não possuem notoriedade pública. No livro, personagens semelhantes à Rita Soares ganham maior expressão, e até mesmo o cachorro Radar contribuiu para o desenvolvimento do caso. José Louzeiro não descarta, como muitas vezes fazem os jornalistas, as vozes com menos notoriedade. O modo como foi construído o

texto também dá o tom de novidade à reportagem. Vale lembrar que ele tem um estilo muito particular de construir seu romance-reportagem, especialmente no que tange à linguagem utilizada. Como afirma Cosson (2002), o gênero, a partir dessa aproximação do jornalismo com a literatura, promove mudanças no modo de fazer comunicação, levando a um “novo padrão jornalístico no Brasil”, em que se favorece, outrossim, uma linguagem literária influenciada diretamente pelo jornalismo e pela cultura de massa.

Pensando o romance-reportagem como uma literatura de testemunho, envolta num realismo social, Louzeiro faz de sua obra um fórum de debates dos conflitos sociais vigentes recriando o cotidiano com os costumes e a linguagem não rebuscada das ruas. O propósito é ser mais popular, tentando alcançar um leitor de classe média proletarizada, e não mais fixar-se apenas no grupo da classe média elitizada. Bulhões (2007) comenta que essa transposição do fato jornalístico para as malhas do romanesco só poderia causar empatia entre os leitores: “Apoderar-se de uma história que já havia provocado comoção e sensação junto à opinião pública poderia ser quase uma garantia de sucesso editorial” (BULHÕES, 2007, p. 74). Esse apelo emocional junto ao leitor configura mais um valor-notícia a ser observado dentro da obra em estudo.

Considerado por Traquina (2008) como um critério de construção, o atributo da dramaticidade está, segundo Ericson, Baranek e Chan, diretamente relacionado com a proximidade cultural do receptor. Enfatiza-se que, tratando-se do gênero romance-reportagem, a obra aproxima o discurso da notícia do discurso do drama (gênero literário) ou dramatização, que possui um caráter apelativo e frequentemente afetivo. Na ótica de Sousa (2003), a dramatização tem a vocação de conferir visibilidade e, para isso, utiliza-se, entre vários recursos, da vitimização, ao estimular a compaixão pelos vitimados e o ódio pelos agressores, como ocorre no caso Aracelli. Após a confirmação da morte da menina e do nome dos suspeitos, há uma comoção nacional em que o público sente comisseração para com a vítima e sua família, ao mesmo tempo em que aflora horror e aversão aos acusados.

## **Considerações finais**

A noticiabilidade de um fato depende prioritariamente dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas. Contudo, dentro do contexto da ditadura militar, em que a censura aos meios de comunicação foi um impasse para a liberdade de expressão, muitos jornalistas buscaram outras formas de

explorar temas do cotidiano de forma mais crítica, tentando burlar a constante supervisão dos órgãos de repressão. Uma dessas alternativas foi a escrita de livros-reportagens, como fez José Louzeiro, que, perseguido pela ditadura, publicou, entre outras obras, *Aracelli, meu amor*.

Para além das páginas dos jornais, o romance-reportagem tornou-se um produto midiático que, como as notícias diárias, abordava temas que necessariamente deveriam passar pelo crivo jornalístico, no qual são levadas em consideração as variáveis que garantem a noticiabilidade de um acontecimento. Na obra analisada neste estudo, estão enxertados vários dos critérios sistematizados pelos teóricos referenciados e que conferem a importância jornalística.

É salutar compreender que, para um fato se tornar notícia de grande alcance e importância, deve agregar um grande número de valores-notícia. O caso *Aracelli*, portanto, como descrito, enquadra-se nos parâmetros de noticiabilidade, confirmando a hipótese da aditividade. Segundo os critérios estabelecidos por Traquina, que se baseou, entre outros, nos estudos iniciais de Galtung e Ruge, detectou-se na obra de José Louzeiro valores como a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, a infração, a personalização, a negatividade, a amplitude, além da dramatização. Este último critério, ao que se vê, corresponde a um fator preponderante, não necessariamente para a seleção, mas para a produção do texto. Haja vista tratar-se de um gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura, o romance-reportagem carrega uma carga dramática que facilita a aproximação do acontecimento relatado com a realidade do leitor, criando o interesse de conhecer o fato e buscar mais informações. Trata-se, portanto, de um gênero utilizado como ferramenta de resistência. Esse discurso dramático intrínseco possibilita efeitos de agitação política.

Percebe-se, dessa forma, que, como em toda grande reportagem, a apuração dos fatos, a produção e sua publicação estão atreladas à sensibilidade de repórteres e editores para a potencialidade de um fato ser narrado em todas as suas dimensões. Dessa forma, a divulgação de informações confirma o compromisso que o jornalista tem para com o público leitor, ratificando a função social do jornalismo não apenas de informar e formar opinião, mas de interpretar, levando à reflexão sobre a realidade.

Ao utilizar esses critérios de noticiabilidade, a obra *Aracelli, meu amor*, inserida no cenário do período de autoritarismo militar, consegue ser um livro atemporal. A partir das informações e denúncias que saltam do texto, a obra possibilita ao público leitor ponderar acerca das convulsões sociais daquele

período, além de refletir sobre como o fazer jornalístico pode contribuir para o desenvolvimento social, pensando o presente a partir do passado. É válido, por fim, citar Gay Talese (2013, *on-line*, tradução nossa): “uma boa história nunca morre”.

## Referências

- AQUINO, M. A. de. *Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: o Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999.
- BARROS FILHO, C de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Oeira: Celta, 1997.
- BULHÕES, M. *Jornalismo e literatura e convergência*. São. Paulo: Ática, 2007.
- CÂNDIDO, A. A Nova Narrativa. In: \_\_\_\_\_. *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215.
- COSSON, R. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FERREIRA, C. A. R. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: discursos e contradiscursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- FRANCO, R. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: UNICAMP, 2003. p. 351-370.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Editora USP, 2003.
- LIMA, E. P. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LOUZEIRO, J. *Aracelli, meu amor*. São Paulo: Prumo, 2012.
- QUINTINO, F. Caso Araceli, jornalismo e literatura na década de 1970: dois livros sobre um crime. In: *CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE: COMUNICAÇÃO: GUERRA E PAZ*, 19., 2004, Vila Velha. *Anais...* Vila Velha:UVV, 2004. 1 v. p. 1-15. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0765-1.pdf>>. Acesso em 17 maio 2015.

REIMAO, S. Proíbo a publicação e circulação... censura a livros na ditadura militar. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/08.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

SOUSA, P. D. de. *A Dramatização na Imprensa do PREC*. Coimbra: Minerva, 2003.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. 10. ed. Editorial Presença: Lisboa, 2009.

**Recebido em:** 05/01/2016

**Aprovado em:** 02/03/2016